

TORRÓ, L. Oviedo. *La fé cristiana ante los nuevos desafios sociales: Tensiones y Respuestas*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2002.

A fé cristã ante os novos desafios sociais

Geoval Jacinto da Silva*

Nesta obra o autor desenvolve, de forma acadêmica, um estudo atual e preciso sobre a influência da organização social, política e econômica, da ciência, da arte e da cultura nas mudanças que ocorrem na vida da Igreja e no sentido religioso dos fiéis. Propõe-se a investigar novas respostas genuinamente analisadas, a partir da fé cristã, a esses desafios reais presentes na sociedade pós-moderna. Trata-se de nova forma de fazer teologia fundamentada entre os signos de esperança e os perigos que podem surgir no contexto religioso. Destaca também que a genuína inculturação da fé só pode ser gerada a partir da cultura. A obra tem 473 páginas distribuídas em oito capítulos. O 1º capítulo trata da fé cristã na sociedade moderna: uma interação problemática. O 2º capítulo aborda a organização social: aspectos apologeticos que envolvem questões relacionadas com a teologia e as ciências sociais, incluindo temas como secularização, a religião da Igreja e outros relacionados com administração eclesial. O 3º capítulo examina a organização econômica da sociedade moderna e sua incidência na fé cristã. O 4º capítulo discorre sobre fé cristã em relação com o sistema político: interferências e crises. O 5º capítulo estuda a ciência como ambiente cognitivo da fé. O 6º Capítulo considera a arte moderna e sua tensão com a fé cristã. O 7º capítulo analisa a afetividade, a sexualidade e sua relevância apologetica para o cristianismo e, finalmente, o 8º capítulo relaciona a fé cristã com a cultura da mídia. Este bloco pode ser considerado a segunda parte do livro com seis capítulos. Aborda a relação entre fé cristã e sociedade avançada, destacando cinco esferas de tensão entre elas, estudadas por Max Weber como: economia,

* Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail do resenhista: geoval.silva@metodista.br

política, arte, afeto e ciência. Vale, portanto, destacar que no final do primeiro capítulo o autor, por meio de “corolário” ou anexo, apresenta o tema da religião da Igreja destacando-o no ambiente secularizante com as seguintes sub-divisões: 1º, dissensões (divergências) pertinentes. 2º, razões de persistência da religião da Igreja. 3º, a religião da Igreja e a prova da modernidade secular. A obra procura desenvolver metodologicamente três orientações teóricas que no decorrer da análise do conteúdo vão se entrelaçando da seguinte forma: em primeiro lugar, tentando provocar o entendimento do caráter interdisciplinar das ciências sociais com a teologia onde esta última pode encontrar o método para sua reflexão. Em segundo lugar, por um sentir apologético, confrontando os problemas da fé cristã com o desenvolvimento dos modernos sistemas sociais e suas teorias. Em terceiro lugar, tentando iniciar certo experimento da “teologia da sociedade”, e desenvolver a visão da fé capaz de iluminar os elementos salvíficos em nosso ambiente social, como projeto interdisciplinar que incide em questões de método e de conhecimento das ciências, capazes de indicar o futuro. Como apologético, orienta-se mais aos conteúdos e teorias que questionam as dificuldades da visão dos fiéis. Como ensaio de “teologia da sociedade” promete oferecer uma proposta de entendimento cristão do ambiente social, cuja importância esteja fora de dúvida e que mereça compreensão cristã orgânica e rigorosa (p.12).

A discussão do autor vai tomando corpo nas páginas do livro por meio da questão que perpassa a história e os estudos teológicos, no sentido da aproximação entre dois pontos de vista, teológico e sociológico, ao mesmo tempo em que examina até que ponto a fé pode sobreviver no contexto da modernidade e afetar o conjunto social da crise da religião contemporânea. O estudo é uma proposta em favor do diálogo interdisciplinar entre a teologia e a sociologia, da relação que deve permear ambas as disciplinas, para desvelar a situação real da fé e sinalizar caminhos de superação das crises atuais, capazes de ser abordadas na perspectiva da pastoral, possibilitando o engajamento da comunidade de fé nos diversos e complexos problemas da sociedade.

Para superar as tensões existentes, conhecer e ter clareza das dificuldades que produzem conflitos e incompatibilidades, faz-se necessário entender que a teologia conta com o auxílio de diversas disciplinas para analisar e entender o contexto. Para tanto, as ciências sociais desempenham papel preponderante. O autor atenta para a produção de uma teologia aberta ao diálogo, à interdisciplinaridade, e à busca do método próprio de fazer teologia em ambiente social de constante mudança que, afinal, terá tonalidades apologéticas. Não será uma apologética excludente, mas ao contrário, capaz de interagir para a formação da propedêutica da fé cristã mais de acordo com a transformação dirigida para o anúncio e a vivência do evangelho. Para Oviedo

Torró, a tradição apologética cristã não é retrocesso acadêmico nem clausura mental. A história da apologética e os intentos mais recentes de reativar este gênero teológico, descobrem a fecundidade e interesse do método que levou à confrontação de tantos escritos cristãos em todos os tempos. A tarefa apologética se utiliza, hoje, do método interdisciplinar que descobre e aproveita territórios desconhecidos, a própria tradição, para reformular e aprofundar o sentido da mensagem original recebido desde muitos séculos. A teologia explora novo *loci theologici*, em sua tarefa de escutar e compreender muitos estudos e orientações relevantes no amplo universo das ciências sociais, objeto fundamental do diálogo (p. 1-12).

Portanto, o anúncio oferecido surge de uma organização que precisa ser revista e avaliada para que seus resultados alcancem os objetivos. Desta forma, a revisão ou avaliação da instituição eclesial constitui bom teste para verificar as formas concretas do processo de “encarnação” dos modelos eclesiológicos, que por sua natureza vai se distanciando de qualquer idealismo pessoal ou institucional. Tal processo de constante avaliação possibilita o entendimento da plenitude da fé cristã na sociedade moderna (p.33). De qualquer forma é oportuno reconhecer que a sociedade moderna apresenta novos problemas, exigindo novos encaminhamentos e decisões macro como também globalizadas que afetem a fé cristã e sua prática.

Portanto, a modernidade consagra triunfo a uma razão autônoma, que se legitima precisamente por meio de seus êxitos no momento de compreender e organizar a realidade e seu contorno político. O evangelho aponta um modelo diferente de sistema político, não possibilitando qualquer aliança com ele. A história da Igreja tem mostrado que a relação entre a Igreja e a fé cristã com as estruturas políticas e com os poderes constituídos tem sido por diversas vezes problemática. Desta forma, embora a questão política seja uma realidade formal, seu sistema tem conseqüências intrinsecamente secularizantes e implicam, muitas vezes, em desgastes da fé tanto em nível institucional quanto social e pessoal. O autor propõe que a tarefa apologética pense sobre as causas de uma possível incidência negativa da práxis política do cristianismo, assim como a busca das vias de superação da mesma ou de sua possível neutralização (p.232). Portanto, destaca três tipos de idealizações que podem ser adotadas pelo cristão no exercício de sua práxis política que são: primeiro, o radicalismo apocalíptico, que constitui uma forma específica de representações das relações entre Igreja e sociedade. Segundo, o modelo agostiniano de duas cidades. Para ele, Agostinho parte de um princípio apologético que responde às exigências da Cidade de Deus, onde os cristãos são desafiados a manter a sociedade de forma integrada, justa e acima de tudo segura, em condições de defender-se de seus inimigos. Finalmente, destaca a possibilidade

de diversas opções, que devem ser desenvolvidas de tal maneira que a Igreja aceite a organização política da sociedade, e colabore com ela, incluindo seus esforços por preservar a paz e a segurança. Por isso, o cristianismo, no decorrer de sua história, tem assumido diversas estratégias que possibilitam manter o diálogo e relacionar-se no âmbito político com possibilidades de alcançar os seus objetivos de paz e segurança (p. 242-245). Também, destaca que o sistema político da cidade lança mão de linguagem teológica, acentuando por diversas vezes os recursos da divindade em sua retórica, com o objetivo de alcançar seus fins seculares.

Para muitos políticos, a referência a Deus no discurso é importante e útil para atingir pessoas e a sociedade como tal. Num ambiente marcado pelo cognitivo da fé, o uso de termos da divindade possibilita romper as barreiras, principalmente entre ciência e fé, possibilitando o cristão a perceber a cosmovisão global da realidade entre a fé positiva e científica e a religiosa e teológica. Para ele, a primeira está relacionada com a noção modesta e segura das coisas, e a segunda, com a magia e a metafísica, e procura oferecer informações últimas e ambiciosas, entretanto, com certa carga de ambigüidade. O autor sustenta-se em Max Weber para afirmar que “as ciências empíricas têm provocado uma revolução cognitiva, que tem afetado profundamente a representação do ser humano em seu ambiente natural, e em sua evolução e seu destino”. Para o autor, a questão esta profundamente relacionada com o que é exposto, e com a possibilidade de ser questionada, em busca de ajuda para a compreensão da ciência e da fé. A pergunta que surge é, até que ponto a representação da realidade que facilita a consciência científica, afeta a credibilidade da mensagem cristã, ou a obriga a reformular alguns de seus conteúdos, que precisam ajustar-se ao novo marco cognitivo” (p. 279-280). Outro tema em destaque é o contraste entre a esfera da arte e a fé cristã. Max Weber ao tratar o tema da estética relaciona-o com os demais segmentos da ciência social. Afirma que “as artes plásticas estão sempre relacionadas ao serviço da representação de idéias e emoções religiosas. Entretanto, para muitos críticos, essas relações têm sido utilizadas para os desafios das realidades sagradas (p. 347). O autor entende, portanto, que Habermas percebe na arte uma composição de liberdade, afirmando que “a arte, por conseguinte, junto a outros âmbitos de valor, pode ser reconhecida como fator libertador, tanto por sua capacidade de abrir o horizonte à sensibilidade que transcende o estreito mundo da instrumentalidade técnica e de seus opressores, como pela possibilidade que encerra de sugerir idéias de solidariedade e felicidade” (p.362).

Portanto, nesta direção, a arte não se opõe à fé, pelo contrário, a fé que nasce da teologia da encarnação possibilita ver a arte como uma realidade autônoma no mundo religioso. Neste sentido, a fé sempre servirá de adver-

tência para impedir que a beleza se converta em ídolo de uma religião inteiramente presidida pela manifestação da graça e do amor (p.377). No sétimo capítulo de sua obra o autor abre-se ao tema da afetividade e da sexualidade, e passa a examiná-lo na perspectiva teológica e antropológica, por considerar que suas vertentes e seu estudo, na perspectiva da cultura secular e da sexualidade, tem que ser abordados numa dimensão crítica à luz da forma que os reveste. O último capítulo é desenvolvido na perspectiva da questão da vivência da fé cristã no contexto da idade da mídia, para encurtar distancias. Por outro lado, também, entende o autor que todas as facilidades vivenciadas podem constituir-se em problemas para a fé cristã, que por sua natureza transcendental deve apontar novas direções de vivência entre as pessoas e a sociedade. Portanto, segundo o autor, a Igreja deve fazer-se presente no mundo da mídia com sabedoria e conhecimento técnico e, também, por meio de canais próprios para transmitir a comunicação cristã e expor suas críticas aos discursos massificantes impostos na sociedade (p.454-455).

Considerações finais. Parte da obra é resultado da pesquisa do autor tendo em vista a obtenção de seu doutorado, e agrega à mesma, dois capítulos anteriormente publicados em revistas especializadas. A forma que os temas foram tratados permite que o leitor amplie os horizontes e perceba o tema de seu interesse a partir de sua realidade. Portanto, o autor fala de sua realidade sem se prender a temas e situações relacionadas ao contexto brasileiro e latino americano.

O texto está sujeito a critica? Sim! Pois, é na critica que subjazem a criatividade e a possibilidade do novo. É preciso destacar o desafio que o autor lança no sentido de chamar a atenção do leitor, em especial na introdução, para o método interdisciplinar que deve ser usado nas relações entre a teologia e as ciências sociais. A teologia não teme nem se distancia com complexo de inferioridade diante do rigor e excelência que alcançam muitas teorias e disciplinas acadêmicas para ajudar no conhecimento humano na modernidade. Pelo contrário, aprende a encontrar nelas fontes para a própria inspiração, luzes que apontam a todos em direção à verdade, assim como elementos que lhes permitem redefinir sua própria identidade nos contextos em processo de mudança (p.17). Como resultado do conteúdo dos temas abordados, nascem propostas para uma práxis cristã aberta à autocompreensão, crescimento e envolvimento da vivência da fé nos elementos culturais de onde surgem propostas da práxis pastoral na sociedade. O método expositivo e analítico utilizado teve como objetivo destacar duas questões. Em primeiro lugar, oferecer um diagnóstico da situação atual e, depois, explorar o estado atual da questão para poder oferecer possibilidades de atuação no contexto da realidade (p.16). Também é oportuno ressaltar que no final de cada capítulo encontra-se rica indicação bibliográfica.